

**EM BUSCA DA VIRTUOSIDADE: A RELAÇÃO ENTRE A MULHER IDEALIZADA  
PELA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS, E SUA MANEIRA DE TRAJAR,  
MILHÃ- CE (1990-2011)**

Rok Sônia Naiária de Oliveira\*

**1. Introdução**

Trabalhar com a questão feminina no espaço religioso é algo altamente complexo, tendo em vista que estas instituições determinam ‘a natureza humana’ como resultado de uma decisão divina e, portanto, inalterável. De maneira explícita ou implícita, tanto em sua teologia, quanto na prática institucional e histórica, permanece uma visão antropológica específica, que constitui e delimita os papéis masculinos e femininos. O fundamento dessa visão encontra-se em uma ordem não humana, não histórica, sendo imutável e indiscutível, principalmente por tomar a forma de dogmas. Expressões das sociedades nas quais foram originadas, as instituições religiosas têm por base ordens de valores, que reproduzem sua homilia, sob o manto da revelação divina. O espaço das mulheres no discurso e na prática religiosa não foi, e comumente ainda não é, dos mais afortunados (Cf. ROSADO-NUNES, 2005, p. 363).

Foi pensando nisso que desenvolvemos esta pesquisa, numa busca de ouvir as vozes de mulheres que na maioria das vezes estavam acostumadas ou destinadas ao silêncio. Assim, este artigo é parte integrante de uma pesquisa intitulada “Construindo uma Identidade e Combatendo o Vício da Vaidade: A Vestimenta da Mulher Assembleiana de Milhã-CE (1990-2011) que foi desenvolvida na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC, em Quixadá, e que hoje continua gerando frutos no Mestrado Acadêmico em história da Universidade Estadual do Ceará, onde consideramos que muitas das reflexões feitas neste colóquio são fundamentais para a continuação desta pesquisa. O principal intuito deste trabalho foi realizar uma reflexão a respeito da identidade da mulher evangélica da Igreja Assembleia de Deus Templo central da cidade de Milhã, tendo como referencial os costumes vestimentares do grupo, que estão intimamente ligados ao corpo e aos dogmas religiosos cristãos.

No entanto, para compreender as relações envoltas sobre esta mulher, principalmente no que tange as instituições religiosas de caráter protestante, como a Assembleia de Deus Templo Central, precisamos abordar o conceito de gênero que defende a necessidade de

---

\* Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará. Email: roksonia@hotmail.com



refletir também sobre a construção do imaginário masculino, pois como salienta Perrot (2005), “a história das mulheres apenas encontra todo o seu sentido na análise, na desconstrução da diferença entre os sexos, na relação com o outro sexo” (p. 467).

Nosso estudo tem como espaço a cidade de Milhã que está localizada no Sertão Central cearense. A 301 km da capital Fortaleza, com uma população de aproximadamente 13.078 mil habitantes, e uma área de 502, 036 km<sup>2</sup>. De origem recente, esse município pertenceu à cidade de Solonópole e conseguiu sua emancipação em 05/02/1985. Sua denominação, Milhã, vem de uma gramínea na época existente em grande quantidade na região.

A cidade tem a agropecuária como principal fonte de renda e desenvolvimento econômico, sendo hoje a segunda maior bacia leiteira do Sertão Central. É uma cidade pacata e não possui pólos industriais. O comércio é ainda pouco desenvolvido e o lazer da cidade se constitui basicamente de shows de forró que acontecem em pequenos clubes. Uma característica marcante da população é a forte religiosidade, o que não se diferencia muito da realidade de grande parte das cidades do interior do Sertão, que possuem origens tradicionalmente católicas, mas que tem acompanhado constantemente a instalação de Igrejas Protestantes.

Foi a partir da década 1960, mais precisamente do ano de 1968, que se tem notícia das primeiras mobilizações protestantes em Milhã. A primeira denominação a se instalar no município foi a Assembleia de Deus: Templo Central, que durante muito tempo foi à única Igreja de orientação não católica presente na cidade. Recentemente, no entanto, por razões que não serão abordadas nessa pesquisa, podemos ver um aumento considerável de instalação de Igrejas dos “crentes<sup>1</sup>”. Sendo que, só no ano de 2010 foram fundadas na cidade 04 denominações distintas. Ao todo localizamos sete Igrejas protestantes em Milhã, são elas: Assembleia de Deus: Templo Central, Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus: Ministério de Madureira, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Presbiteriana Renovada, Assembleia Pentecostal: A conquista de Deus, Igreja Pentecostal: Altar de Deus, ressaltando que por se tratar de um município pequeno elas estão localizadas muito próximas umas das outras. A cada dia intensificam suas atividades, estimulam a conversão de novos fiéis, tendo evidente representatividade no município.

Desde sua fundação a Igreja Assembleia de Deus Templo Central, já contou com sete pastores, que permanecem no cargo durante um intervalo médio de 3 a 4 anos. Conta com aproximadamente 210 fiéis, entre membros e congregados, onde vale ressaltar que o termo “membros” é utilizado para caracterizar aqueles que “vão aos cultos e seguem as normas de

sua Igreja, chamados também de membros comungantes, ou seja, os que comungam com as normas e ensinamentos da Igreja a que pertencem, (ROLIM, 1987 p. 42) Acredita-se ainda que os “Congregados” são os que apenas frequentam a igreja sem mantêm um compromisso maior com a instituição.

Destacamos ainda que não podemos distinguir com precisão a quantidade de homens e mulheres que frequentam a Igreja, já que esta não nos disponibilizou as atas para que pudéssemos fazer a catalogação, afirmando que estes documentos não proporcionariam a possibilidade de fazer a contagem por serem fontes falhas. Entretanto, de acordo com observações de campo e entrevistas, aparentemente há mais congregados do sexo feminino do que do sexo masculino.

Partindo das possibilidades apresentadas pelo trabalho com a história oral, navega-se no imaginário que se constrói em torno da mulher evangélica. Seus espaços de atuação, como ela é vista pela Igreja, como seu corpo traduz um símbolo de pecado para o grupo e de que forma a Igreja “impõe” sua doutrina sobre elas.

## **2. Mulher virtuosa: o verdadeiro papel de uma mulher cristã**

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus: Templo Central da cidade de Milhã, assim como as demais Assembleias existentes no país é uma igreja de caráter pentecostal. E nesse sentido precisamos compreender que pentecostalismo é uma corrente religiosa que surgiu dentro do protestantismo, e tem pontos comuns tanto com o catolicismo como com o protestantismo histórico. Os pentecostais tem como fundamento principal a Bíblia, a crença no Espírito Santo e no Batismo. Acreditam na força da oração individual e durante o momento oracional dizem falar em línguas estranhas (glossolalia), o que para eles é uma forma de demonstrar a presença do Espírito Santo. Esta corrente do protestantismo foi a primeira a levar a palavra da Bíblia aos empobrecidos, tem como forte característica a conquista de novos fiéis através da conversão de outras religiões ao protestantismo, e também o grande acolhimento entre os membros. As primeiras igrejas pentecostais existentes no Brasil foram: Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Cruzada da Evangelização ou Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Nova vida, Deus é amor (ROLIM, 1987).

De acordo com estudos realizados, por Campos Machado (2006) a participação feminina nas Igrejas de orientação pentecostal de maneira geral é acentuada, sendo por isso possível atribuir “Um rosto feminino ao Pentecostalismo”. Pois para ela é o público feminino que compõe a maior parcela dos fiéis, uma característica, portanto, que não é exclusiva do contexto de Milhã.

Um fato que desperta atenção, no entanto é a evidente importância feminina, principalmente no que se refere ao trabalho de conversão de novos fiéis. Desde a fundação da Igreja na referida cidade, grande parte das famílias que iam se convertendo tinham o impulso de suas matriarcas. Ou seja, as mulheres se convertiam de forma mais imediata e depois usavam de sua influência no lar para converter esposos e filhos, iniciando ainda um trabalho missionário na comunidade, que permanece até os dias atuais. Nesse sentido, ressaltando a participação feminina no âmbito religioso, Rosado-Nunes (2005) salienta que:

As mulheres compõem, de fato, a maioria da população de fiéis. 'Em nome de Deus', tornam-se ativistas, freiras, obreiras, pastoras, bispas, mães-de-santo, políticas... Na sombra ou nos palcos e altares, grande parte das fiéis carrega para a igreja o marido, os filhos, a família, o círculo social e profissional onde atuam. (p. 364)

Assim, destacamos a importância feminina para a consolidação da Assembleia de Deus de Milhã, já que a aderência de fiéis impulsionada pelo trabalho dessas mulheres torna-se essencial para que a Igreja amplie o número de membros e alcance mais visibilidade no município.

É *mister* destacar que segundo nossas análises, essas mulheres desempenham funções consideradas “intermediárias”, são responsáveis por coordenar os grupos de jovens, encontros de senhoras, missões evangelizadoras, visitas, no entanto as funções de “alto escalão” e renome permanecem com a parcela masculina da congregação. Nesse sentido a palavra e o reconhecimento público são negados às mulheres no espaço da Igreja, havendo assim uma dupla proibição, cidadã e religiosa (PERROT, 2005). Ou seja, a Assembleia de Deus não promove mulheres a pastoras ou diaconisas, estes são cargos estritamente masculinos. Observemos a imagem a seguir,

Figura 01



FONTE: Acervo da Autora

Na imagem acima, percebe-se que o altar da Igreja está basicamente formado por homens que são as lideranças da instituição: Pastor, Diáconos e Presbíteros. As duas mulheres que vemos na fotografia estão realizando um momento de louvor, já que esta imagem foi registrada no encontro de senhoras, dia reservado a participação das mulheres no culto, exceto na pregação, que é exclusivamente realizada por homens, sendo ele o pastor ou algum convidado.

Consideramos com isso, que há uma forte divisão entre os papéis destinados aos sexos, no que diz respeito ao espaço público e privado. Liderar a Igreja perante a comunidade é uma tarefa masculina, zelar por seu êxito, trabalhar constantemente pela congregação, é uma atribuição feminina. Diante dessa divisão sexista, é preciso lembrar a observação de Michelle Perrot (2005), ao afirmar que “Aos homens o público, cujo centro é a política. As mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa” (p. 459).

No entanto, o que motiva certo estranhamento, é o fato de que mesmo reconhecendo todo o trabalho feminino dentro da Igreja, atribuindo a ele, ao menos discursivamente uma importância cabal para seu funcionamento, os homens e as mulheres que compõem a Igreja Assembleia de Deus de Milhã continuam ratificando o comportamento paternalista e misógino que se encontra nas raízes das religiões Judaico-cristãs. É como se por vários instantes, práticas e discursos, reconhecimento e tratamento não entrassem em sintonia e não habitassem o mesmo lócus social.

Uma mulher da Igreja Assembleia de Deus logo é reconhecida em decorrência de sua aparência, que diante do que é pregado na Igreja, deve ser de recato e pudor, onde ela tem o dever de ser diferenciada. Além de que, os trabalhos que realiza são de conhecimento da sociedade, já que levam suas pregações religiosas a locais públicos como hospitais, bem como as residências, visitando doentes, idosos e disseminando a ideologia do grupo, reiterando sempre o convite de visita a instituição. Através das palavras dessas mulheres, de suas pregações, na tentativa de conversão de fiéis é que a Igreja tem se destacado e nutrido uma considerável quantidade de congregados.

Consideramos pois, que no imaginário protestante assembleiano, o ideal de mulher “crente” ainda é o de mãe e esposa submissa. Isso fica explícito na fala dos entrevistados, onde a todo o momento, citam passagens bíblicas com relação à imagem de mulher ideal e virtuosa ditada pelas sagradas escrituras. Em especial, podemos destacar a fala de Dona Emília<sup>2</sup>, que através de um trecho bíblico define o que acredita ser um exemplo de mulher cristã,



Provérbios 31, versículo 10 em diante, é muito maravilhoso esse versículo. Mulher virtuosa, quem o achará? Que é uma mulher que tem exemplo pra dá. O seu valor e muito acima de um rubi, o coração do seu marido está nela, guiando e a ela nenhuma fazenda faltará. Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida. A mulher virtuosa agrada o marido, porque tem aquela, uma mulher virtuosa é uma mulher sabia. Que sabe cuidar da sua casa e também serve de exemplo pra sua igreja. Olha, busca lã e linho, trabalha de boa vontade, com suas mãos, é como o navio mercante, de longe traz o seu pão. Ainda de noite se levanta e dá mantimento a sua casa, e a tarefa as suas servas, examina uma herdade e adquire aplaina uma vinha com os frutos da sua mão. Cinge os ombros de forças e fortalece os braços. Esse capítulo é muito maravilhoso, porque uma mulher que é uma ótima dona de casa, ela cuida de seus filhos com carinho, ela cuida de seu marido com carinho, nós não temos lei, mas assim dizer, essa religião que nós segue exige de nós ser uma mulher sabia, pra nossos maridos, pra nossa família, um exemplo de casa né.

Uma série de textos bíblicos são selecionados e constantemente pregados, a ponto de serem vistos como manuais de regras e condutas que devem ser seguidos por todos aqueles que se consideram “crentes” e obedecem aos preceitos divinos, esses textos são incorporados nos chamados “usos e costumes”<sup>3</sup> assembleianos. Com isso, passam a interferir ativamente no cotidiano dos fiéis, normatizando, proibindo, cobrando um determinado padrão de comportamento. (Cf. SILVA, 2003)

Ainda a respeito da utilização de textos bíblicos como maneira de confirmar o que é pregado através de regras dentro da Igreja, consideramos a própria fala dos entrevistados, que no momento das entrevistas detêm sempre a Bíblia em mãos e por diversos instantes se remetem a ela, no objetivo de ler algum trecho que confirme o que é dito no depoimento. A utilização do livro sagrado como apoio ao discurso não é algo estranho. Pelo contrário, mostra como dentro da cultura assembleiana, a oralidade vem cotidianamente impregnada da cultura escrita da Bíblia. A respeito da utilização de textos dentro de uma gravação que tem por intuito ser utilizada como fontes orais por parte do historiador, citamos Albuquerque Junior (2007) ao afirmar que:

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos (p. 230).

O “Crente” dificilmente faz uso da palavra sem ter como ferramenta a Bíblia, já que em seu meio religioso ela é considerada o principal fundamento. Há um fator de destaque quando os fiéis da Assembleia de Deus, por nós entrevistados, foram indagados sobre a temática “mulher”, as referências bíblicas de destaque são aquelas que se referem a “mulher ideal, recato e submissão ao esposo, obediência, abusos na vaidade, controlar a vaidade, e principalmente, a necessidade de cobrir e censurar o corpo, para eles veículo de pecado. Os

textos bíblicos que trazem essas temáticas já são, portanto, conhecidos e presentes no cotidiano da Igreja.

### **3. A legitimidade masculina e a censura do corpo feminino**

As mulheres da Igreja Assembleia de Deus: templo central, se diferenciam das demais da cidade, por ainda hoje, manter características, especialmente nas cidades do interior cearense, que representam a imagem de uma verdadeira mulher evangélica, caracterizada por um padrão de vestimenta e de aparência. Esse padrão tem a falta de vaidade refletida na falta de maquiagem, no recato das vestimentas e no comportamento discreto, altamente respeitoso ao homem e dedicada apenas à família e à Igreja, como algo inerente a figura da “crente”. Assim, mesmo diante da influência dos novos tempos, para essa Igreja a mulher e seu corpo ainda são símbolos de pecado e estão sempre na mira, quando se trata de normatização.

Estas são constantemente cobradas por sua conduta e aparência. A Igreja prega o pecado trazido no corpo e a necessidade de seu controle, no entanto, trabalha como se o único corpo que merecesse ser disciplinado fosse o feminino. A instituição considera ainda, que a mulher deve ser auxiliada nesse controle, onde os demais membros e as próprias mulheres devem empreender uma constante vigilância para não cair nos pecados do “mundo”, uma forma de preservarem a si mesmas e a imagem da Igreja, que deve mantê-las “na linha”, ou seja, seguindo os padrões de conduta que a denominação considera dignos para uma mulher, mostrando assim seu forte tradicionalismo.

Percebemos então, que nessa Igreja ainda hoje, a forte distinção entre os sexos é algo pregado e vivenciado por seus membros. Ao mesmo tempo em que falam dos pecados da carne e da tentação que envolve o corpo, deixam explícito que a carne mais envolta de pecado é a da mulher. A respeito disso, Perrot (2005) enfatiza que o corpo feminino é alvo principal de controle, por ser considerado o mais propício a cair nas tentações, necessitando assim de constante vigilância:

O corpo esta no centro de toda relação de poder, mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua a aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gostos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são o objeto de uma perpetua suspeita (p. 447).

Observamos isso na fala do pastor Francisco<sup>4</sup>, que atribui às mulheres a característica de serem exibicionistas, o que faz do corpo feminino, uma vez exposto, uma verdadeira armadilha e um perigo, que é preciso evitar:



Essa roupa colada, essa que cola no corpo, eu queria que ela me explicasse porque é que elas fazem isso, por que no meu pensamento, a mulher ela tem muito prazer de se mostrar, isso é verdade, a mulher ela é exibicionista, eu acho que é exibição, ela faz por exibição (...).

Diante de tal afirmação, compreendemos que para o grupo a exibição é tida como algo que ultrapassa os limites da moralidade cristã e que fere o princípio da castidade, como se o corpo fosse algo proibido e, a partir do momento que fosse mostrado, a mulher estivesse cometendo um crime, um atentado contra sua moral e contra os costumes de seu grupo. Ele atribui à mulher uma necessidade de se exhibir, como se toda mulher independente de suas características pessoais, do grupo ao qual pertence precisasse de normas para controlar uma constante necessidade de se mostrar, tendo em vista que as mulheres que não se omitem e acatam o que é imposto pelo grupo são tidas como perigosas (PERROT, 2007).

A mulher evangélica reprime seu corpo por medo de mostrá-lo, acreditando ser isso digno de condenação. Tem em seu próprio corpo um símbolo de tentação, atribuindo a maneira como ele é apresentado, coberto ou exposto, uma demasiada carga de valores. O corpo é para os evangélicos um capital, pois a forma como ele é tratado, expresso através de uma aparência decente, é um investimento que, a longo prazo, visa obter a salvação do espírito.

Apresentar um corpo decentemente é ainda, uma maneira de obter respeito e aceitação no grupo, sendo legitimado socialmente. Uma mulher de aparência recatada, que honra a si mesma e ao seu grupo, é vista positivamente pelos evangélicos, obtendo o destaque social de boa crente. Com base nisso, Goldenberg (2010), salienta que “Além de um capital físico, o corpo é, também um capital simbólico, um capital econômico e um capital social” (p.09). Podemos considerar, portanto, que o corpo coberto, é um aspecto da identidade da mulher assembleiana, e nesse sentido adotamos o conceito de Identidade enquanto “representação social”, onde destacamos as considerações de Pesavento (2008), ao afirmar que,

a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e se estabelece à diferença (...) é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou, ao nós do pertencimento se coloca a estranheiridade do outro (p. 89-90).

Em virtude disso o corpo da mulher evangélica é moldado simbolicamente no cotidiano da Igreja, a percepção que essas mulheres têm de si mesmas é carregada das

experiências do grupo, essas ideologias são refletidas na forma como a própria fiel censura a si mesma. Partindo do pressuposto de que o corpo é moldado de acordo com a cultura a qual está inserido, consideramos Velosso (2009) ao destacar que:

A grande discussão que se mantém em torno do corpo e suas representações é aquela que opõe de um lado, a visão do corpo como dado natural, possuidor de unidade estabelecida e, do outro o olhar no qual a cultura aparece interferindo nos menores gestos e no qual o corpo é infinitamente moldável e controlável. (p. 32)

Controlar e moldar, portanto a natureza pérfida e pecadora da mulher é relegar seu corpo ao recato. Deixar a tentação coberta, longe dos olhos do grupo da Assembleia de Deus.

#### **4. Considerações Finais**

Percebemos, pois, que a maior parte das proibições e impasses direcionados as mulheres dessa Igreja é com relação à indumentária. A todo o momento são aconselhadas a censurar seu corpo, onde a falta de recato que significa uma maior exposição de suas formas é tida como símbolo de pecado e imoralidade. Desta feita, considera-se que a Igreja é marcada por um intenso antifeminismo que parte de lideranças masculinas, prontas a censurar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de indumentária, reproduzindo, assim, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, com base em uma moral familiarista, dominada por valores patriarcais e, principalmente, pelo dogma da inata inferioridade das mulheres (Cf. BOURDIEU, 2010, p. 103).

Essas justificações permanecem instituídas no inconsciente dessas mulheres. Segundo as mesmas, elas não cumprem regras, acreditam que o fato de se vestir e se portar com recato é algo originado da convivência no ambiente religioso, além de significar obediência à palavra de Deus e aos ensinamentos da Igreja, pois nessa instituição os fiéis são cobrados a demonstrar um comportamento diferente, e o fato de se tornar um “crente” traz consigo a necessidade de renunciar a seu passado de pecados, incluindo abandonar as vestes mundanas. Desta feita, nossas depoentes acreditam que essa mudança parte de algo que toca no coração, pois para elas quem vive na fé, o verdadeiro “crente” tem mudança, e essa mudança é percebida de forma mais visível no vestir-se decentemente.

Partindo do pressuposto de que a forma de trajar feminina é observada, cuidada, cobrada pelos membros da Igreja, acreditamos que a atuação dessas mulheres dentro da instituição bem como sua reputação no grupo e também fora dele, está indissociável da maneira como se vestem. Mesmo aqueles que não pertencem a Igreja não poupam críticas

quando constatarem algo diferente do que é esperado do conservadorismo puritano assembleiano. Nesse sentido Silva (2003) salienta que:

Quando um membro da Assembléia de Deus está andando na rua ou em qualquer lugar pode-se conhecê-lo pelo traje, pela postura, até pela linguagem, pois são por estes *hábitus* que se caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais (p. 48).

Assim a maneira de trajar da mulher assembleiana define quem cumpre ou não as doutrinas da igreja corretamente, e atribui “status” dentro do grupo, já que quem se veste como a instituição determina é considerada uma mulher virtuosa, e, portanto, uma mulher digna de representar a igreja e de carregar a identidade da mulher assembleiana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: A Arte de Inventar o Passado. *In*: Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.
- CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da Igreja Assembléia de Deus no bairro Bom Retiro em São Paulo. *In*: História Agora, 11<sup>a</sup>. Edição-Dossiê Religiões e Religiosidades no Tempo Presente (Volume 2), lançado em 17 de julho de 2011.
- GOLDENBERG, Mirian. *O Corpo como Capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. 2. ed., São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- MACHADO, Maria Das Dores Campos. Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais. *In*: *Estudos Femininos*, Florianópolis, 13(2): p. 387-396, maio-agosto/2006
- PERROT, Michelle. *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: contexto, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2<sup>a</sup> Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BOURDIER, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kuhner- 9<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos.
- ROSADO-NUNES, Maria José. *Gênero e Religião*. *In*: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005

SILVA, Cláudio José da. *A Doutrina dos Usos e Costumes na Assembléia de Deus*. Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia e Teologia, Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2003.

VELOSSO, Mônica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia. *Corpo: Identidades, Memórias e Subjetividades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

## Notas

---

<sup>1</sup> É assim que por vezes denominaremos as fiéis da Igreja Assembleia de Deus: Templo central, já que esse termo, mesmo que muitas vezes traga um caráter “pejorativo” como salienta Correa (2011), é a principal denominação que se utiliza ao falar do assembleiano, o termo é adotado na linguagem de membros da Igreja e de toda a sociedade Milhãense.

<sup>2</sup> Maria Emília de Sousa- 61 anos. É congregada da Assembleia de Deus de Milhã desde os 18 anos de idade, mesmo período em que casou e converteu-se com toda a família, sendo hoje uma das mulheres da assembleia que mais preza pelo tradicionalismo e pela conduta dos bons costumes, principalmente com relação a mulheres e suas vestimentas. Entrevista realizada no dia 11/07/2010. Tempo de Gravação: 51 minutos e 53 segundos.

<sup>3</sup> Os usos e costumes defendidos pela Assembleia de Deus em todo o Brasil, foram elaborados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), órgão máximo da instituição no Brasil, em 1975, sofrendo algumas poucas alterações em 1999. A doutrina diz que é proibido ao membro assembleiano, 1- Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes. 2- As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10). 3- Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos (Lv 19.28; 2 Rs 9.30). 4- Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica - (1 Co 11.6, 15) . 5- Mal uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8) . 6 - Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv. 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18). Ressalta-se ainda que os livros bíblicos citados ao final de cada doutrina correspondem as passagens que os assembleianos utilizam para legitimar a aplicação dessas restrições.

<sup>4</sup> Francisco Gomes Pereira- 64 anos, Pastor da Assembleia de Deus até fins do ano de 2010. Entrevista realizada no dia 10/09/2010. Segundo nossas depoentes é um pastor que trabalha muito com a questão da moral e da necessidade do bom comportamento e do vestir-se decentemente do “crente”. Tempo de Gravação: 01 hora, 44 minutos e 33 segundos.